

## A POLÍTICA DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO NO BRASIL.

Maurício Rocha de Carvalho <sup>1</sup>

### A URDIDURA DE NOSSO TEMPO

Uma reflexão acerca do fenômeno memorial no Brasil.

#### 1 – Arqueologia de um momento:

A segunda metade do século XX foi marcada pelo surgimento do pensamento Pós-Moderno, que, a partir da constatação do rápido processo de deterioração do ambiente natural e cultural, teve como um de seus principais paradigmas o fenômeno patrimonialista. Nesse sentido, a busca de soluções para a guarda do legado ambiental e cultural remanescente gerou uma ampliação da demanda de proteção dos acervos constituídos ao longo da formação da memória dos lugares: documentos, livros, objetos dos mais variados formatos, materiais, funções e valores, além dos edifícios, centralizaram, durante muitos anos, o olhar dos produtos humanos a serem preservados.

Desde o período Iluminista, o processo de “culturalização do passado” foi interesse estratégico das aristocracias que conduziam os estados nacionais europeus, promovendo, inclusive, o advento dos *revivals*. O interesse pela história dos lugares, pela arqueologia e, principalmente, pelas antiguidades gerou a formação de impressionantes coleções, além de permitir diversas propostas de intervenções recuperadoras, ensaiadas exaustivamente durante os séculos seguintes. As oportunidades e contingências sociais e culturais, entre elas, as reconstruções de bens atingidos por catástrofes humanas e/ou naturais, permitiram o progressivo aprimoramento do pensamento conservacionista vislumbrado nas chamadas Cartas Patrimoniais. Nelas, no decorrer do século XX, a visão de “bem cultural” tende a se expandir em direção ao universo de toda produção humana, à medida que o tão sólido pensamento racionalista moderno se “desmanchava no ar” a partir das enormes demandas socioculturais e ecológicas.

---

<sup>1</sup> Arquiteto e Urbanista, Professor Adjunto da Universidade Federal de Pernambuco.

## **2 – A Epifania do Pensamento Memorial Brasileiro.**

A primeira ação concreta no sentido da preservação dos bens que representassem o universo cultural brasileiro se processou nos anos 30, movida pelos interesses modernizadores ditos “pós-revolucionários”; institucionalizando-se com a criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Naquele momento, a ênfase preservacionista estava dirigida a toda expressão da sociedade patriarcal luso brasileira, na qual as igrejas, fortificações e conjuntos históricos coloniais seriam os principais alvos das ações.

Toda a historiografia, assim como os projetos e intervenções sistemáticas desse período, refletem a busca de uma identidade que fundamentasse a memória técnico-construtiva e artístico-cultural de nossa oligarquia colonial. Observa-se esta linha de intervenção nos escritos de estudiosos como José Wasth Rodrigues, Airton Carvalho, Luiz Saia, Paulo Tedim Barreto, Robert C. Smith, Germain Bazin, Mário de Andrade, Lucio Costa e Rodrigo Melo Franco de Andrade, que, entre outros pesquisadores brasileiros e estrangeiros, dirigiram seus levantamentos e estudos aos ditos “monumentos nacionais”: Igrejas barroco-rococós, fortificações, núcleos urbanos originais e a casa colonial como reflexo de uma idílica sociedade patriarcal esboçada pelos regionalistas nordestinos.

Aos modernos, parecia o alvo mais lógico a preservar, pois o Período Colonial representaria a formação da mentalidade nacional em contraposição à pretensa invasão estrangeira incorporada pelo Historicismo Eclético, que, naquele momento, dominava a paisagem em nossas principais cidades. Observa-se tal posição no momento em que, nos projetos, era combatida a presença do Historicismo evidenciado nas propostas aprovadas de recomposições de monumentos e do casario, além da limpeza estética na implementação dos planos para as cidades históricas mineiras.

Também observamos as primeiras experiências restauradoras e a impressão de poucos livros e muitos artigos em periódicos dispersos, dos quais se destaca a Revista do IPHAN. Tais artigos eram estudos, quase sempre de caráter comparativo, salientando a qualidade artística e a expressão estético-estilística com um certo tom de ufanismo. Tais trabalhos foram essenciais para o levantamento das tecnologias e a criação de rotas de aproximação entre as soluções. Os dados gerados a partir desses estudos, mais que informação para a história, compõem um ambiente propício à montagem de um mapa histórico-cultural do patrimônio arquitetônico brasileiro que, vale salientar, ainda sequer foi proposto.

Dentro dos condicionantes acima mencionados e das poucas experiências exteriores à institucional, avançamos em câmara lenta durante o século XX. Em termos intervencionistas, tivemos, durante esse período, atuações lentas, por vezes repetidas no grosso do patrimônio tombado. Em comparação, no mesmo período de tempo, a Europa se reconstruiu quase que completa, por duas vezes.

No contexto nacional, épocas de poucos recursos para trabalhos na área de cultura se alternaram com períodos nos quais o que faltava eram os projetos para atingir as verbas disponíveis. Por outro lado, as falhas projetuais em termos de detalhamento e fundamentação das propostas técnicas e estéticas se somavam à dificuldade de conseguir mão de obra capacitada para os condicionantes específicos, já que não existem cursos preparatórios sistemáticos. A isso, soma-se, ainda, a falta de capacidade de controle urbano por parte do Estado em contraposição aos interesses privados de uso e ocupação do solo. Teremos, então, a realidade.

A aprovação e a intervenção em bens históricos se tornaram um processo “cavernoso”, no qual normalmente criava-se uma imensa distância entre os interesses dos projetistas e o do “serviço de patrimônio”. A comunicação entre os atores se processava através de ecos. Por enquanto, os dois lados, entre mutuas e múltiplas queixas, tentam cumprir suas atribuições. Se, por um lado, os técnicos dos serviços públicos de preservação mostram-se conservadores em suas apreciações, os projetistas se perdem em apresentações de propostas pouco detalhadas e fundamentadas, efeito da falta de aprofundamento de suas próprias formações. Durante o século XX, em termos de conservação e intervenção no patrimônio cultural, traçamos um caminho tortuoso e lento despendendo muito mais esforço que o necessário e obtendo resultados modestos. Mantendo a comparação realizada anteriormente, no mesmo período, as intervenções europeias em ambientes construídos se mostram em soluções estéticas por vezes arrojadas, mas mantendo uma íntima relação com seus novos entornos e com sua nova função social.

### **3 – O Retorno da Fênix: a fertilidade das cinzas da modernidade.**

Os paradigmas do pensamento pós-industrial apontam no sentido da ampliação do conceito de legado cultural, multiplicando o universo do que deveria ser alvo de preservação. A valorização de todas as experiências estéticas e a assimilação das expressões populares e imateriais só são observadas nas mentalidades brasileiras a partir da segunda metade do século XX, justamente quando a cultura Pop liderando os movimentos de contestação dos pressupostos da Cultura Moderna, promove uma espécie de revisão autocrítica do passado.

Esse redemoinho abre espaço para experiências plurais em todos os sentidos e em todas as esferas da cultura humana. O único critério que se coloca em questão é a Informação. O objeto cultural deve ser estudado e cercado de todos referenciais que o qualifiquem social e culturalmente como destaque, conferindo-lhe valor. O mais importante deste congraçamento, redirecionamento e ampliação do foco conservacionista é uma maior paridade entre os diferentes objetos considerados como de valor cultural.

Os bens culturais são agora designados como “*materiais*”, que podem ser de procedência erudita ou vernácula ou “*imateriais*”, alargando o universo da conservação as tradições e ao imaginário popular. Em uma “cultura da informação” mesmo quando nos referimos ao patrimônio, ainda prescindem critérios como visibilidade, destaque, representatividade e direcionamento correto aos interesses comerciais e seus rebatimentos. O conhecimento do ambiente e do homem como ser cultural ocupou lugar nas publicações na área de conservação através de artigos em cujos conteúdos já percebe o passado sendo revisado e apontando para o futuro.

Tanto nos editais de verbas públicas, como nos artigos científicos, os objetos públicos são hoje os principais alvos dos estudos sobre o patrimônio. Os diversos tipos de assentamentos humanos passam a representar o palco principal das ações culturais. Tal fato ampliou o universo dos conteúdos a temas como a ocupação dos espaços pelas comunidades, o ambiente como bem cultural e identidade social, recuperação de experiências, as questões sobre autenticidade e permanência, a recuperação de áreas degradadas, além do fenômeno legal que envolve toda a relação entre o homem e o lugar onde ele produz a sua cultura. Percebe-se, de maneira geral, a aproximação da área de conservação dos bens culturais a das técnicas e meios da sociologia e da arqueologia, além de uma busca de assimilação mais ampla e consciente do universo da produção humana.

#### **4 – O que devemos fazer?**

Resguardar o patrimônio cultural passou, então, a ser uma ação socialmente emergente. Nesse sentido, devem ser desenvolvidos estudos acerca dos diversos processos de recuperação de legado, aproveitando para adequar todos os procedimentos às nossas especificidades ambientais. Também seria fundamental buscar estratégias de formação continuada de profissionais melhor preparados para, assim, garantir maior qualidade ao planejamento e execução através das experiências de compatibilização entre os diversos elementos que compõem os projetos.

Nos dias de hoje, supridas essas demandas, temos a somar uma grande rapidez nos processamentos de registro e guarda de informações acerca do patrimônio estudado. As tecnologias eletrônicas de captura dos bens e os repositórios ou museus virtuais acompanharam esse processo, transformando-se em principais auxiliares na tarefa de conservação e disponibilização dos diversos formatos de conteúdo memoriais a serem preservados, direcionando, finalmente, o interesse público de preservar a necessidade privada de acessar.

No referente à prática da conservação de objetos ditos histórico-culturais, as fortes marcas racionalistas herdadas do Pensamento Modernista ainda se refletem nas experiências de projeto, registro, guarda e disseminação de informações acerca dos bens culturais. O fato é que entre intervenções e intervenções, aprendemos penosamente o quanto temos que aprender. Descobrimos que devemos olhar para outras experiências como forma de absorver tecnologias e estratégias, mas tendo sempre o cuidado de adequá-las à nossa conjuntura física e histórica. Finalmente, todos os levantamentos, estudos e projetos desenvolvidos pelas gerações anteriores, devem ser postos em aberto e urdidos em nosso já ampliado cadinho, confirmando a mais importante lição que a sociedade contemporânea nos reafirma: o princípio da essencialidade plural do universo cultural humano.

#### **Referencias:**

ARQUITETURA CIVIL, RELIGIOSA, OFICIAL – **TEXTOS ESCOLHIDOS DA REVISTA DO PATRIMONIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL**, São Paulo: Ministério da Educação e Cultura, IPHAN e FAU/USP, 1975.

CARVALHO, Maurício Rocha de, (Org). **Um Recife Saturnino: Arquitetura, Urbanismo e Saneamento**; Recife, Nectar, 2010.

CURY, Isabelle, **Cartas Patrimoniais**, 3ª versão revista e aumentada, Rio de Janeiro: IPHAN, 2004;

MILLET, Vera, **A Teimosia das Pedras: Um estudo sobre a preservação do patrimônio ambiental no Brasil**, Olinda: Prefeitura de Olinda, 1998.

MORI, Victor Hugo, (Org. et al), Patrimônio: Atualizando o Debate, São Paulo: IPHAN, 2006.

RODRIGO E O IPHAN: **COLETÂNEA DE TEXTOS SOBRE O PATRIMONIO CULTURAL**, Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, IPHAN e Fundação Nacional Pró-Memória, 1987.

SÁ, Marcos Moraes de, **A Mansão Figner**, SENAC, Rio de Janeiro, 2008.

VIEIRA, Natália Miranda; **Gestão de Sítios Históricos: A transformação dos valores culturais e econômicos em programas de revitalização de áreas históricas**, Recife: UFPE, 2007.